



REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

EDUCAÇÃO, ENSINO E TECNOLOGIAS DIGITAIS

ARTIGO

O uso das Tecnologias Digitais em Escolas do Campo: um olhar sobre a práxis pedagógica na atualidade

The use of Digital Technologies in Countryside Schools: a look at the current pedagogical praxis

ILKA MEYRE ALVES DA SILVA

Mestra Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED). E-mail: ilkameyre@hotmail.com

MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA GORDIANO

Mestra Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED). E-mail: cidinhagordiano@hotmail.com

ELY MAKEISE ARAÚJO DOS SANTOS MARTINS

Mestranda Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED). E-mail: elymakeise@gmail.com

RESUMO

Este artigo versa sobre a importância das tecnologias digitais em práticas pedagógicas nas Escolas do Campo. Tem como objetivo perceber de que maneira essas escolas vêm buscando construir seu trabalho pedagógico diante da inserção das novas tecnologias no cotidiano dos alunos, visto sua impossibilidade de desvincular essa elaboração da vida real diante do contexto globalizado. Para atingir essa finalidade, apresenta-se a seguinte questão: Qual a relevância da utilização das linguagens tecnológicas no desenvolvimento de habilidades e competências no aprendizado de alunos(as) inseridos na educação do campo? O processo de escolarização é fundamental para os desenvolvimentos psíquico, social e humano, para tanto, as contribuições que a instituição escolar exerce é de grande relevância para a formação cidadã. Suas práxis pedagógicas na atualidade contribuem para além da transmissão de conhecimentos científicos a transformação em conhecimentos reais, práticos e culturais, intermediados por vias digitais e mediados pelo(a) professor(a), que continua exercendo papel importante na tarefa de mediar conhecimentos. Apresenta resultados da pesquisa exploratória implementada na escola pública de Centro Municipal de Educação de Santa Rita de Cássia (CMESRC), localizada no distrito de Santa Rita de Cássia Valente-BA, espaço em que a metodologia aplicada obteve influências das oficinas do projeto de Extensão *Tecnologias, (multi) letramentos e formação de professores**. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, ancorada nas discussões sobre a Educação do Campo como perspectiva emancipatória e tecnologias digitais.

Palavras-chave: Tecnologias Digitais, Educação do Campo, Multiletramentos.

ABSTRACT

This article deals with the importance of digital technologies in pedagogical practices in Rural Schools. It aims to understand how these schools have been trying to build their pedagogical work in the face of the insertion of new technologies in the students' daily lives, given their impossibility to detach this elaboration from real life in the face of the globalized context. To achieve this purpose, the following question is presented: What is the relevance of using technological languages in the development of skills and competences in the learning of students inserted in rural education? The schooling process is fundamental for psychic, social and human development, therefore, the contributions that the school institution makes are of great relevance for citizenship education. Their pedagogical praxis today contribute beyond the transmission of scientific knowledge to the transformation into real, practical and cultural knowledge, intermediated by digital channels and mediated by the teacher, who continues to play an important role in the task of mediating knowledge. It presents results of the exploratory research implemented in the public school of Centro Municipal de Educação de Santa Rita de Cássia (CMESRC), located in the district of Santa Rita de Cássia Valente-BA, where the applied methodology was influenced by the workshops of the Extension Technologies project, (multi)literacies and teacher training. This is a qualitative and bibliographical research, anchored in discussions about Rural Education as an emancipatory perspective and digital technologies.

Keywords: Digital Technologies, Rural Education, Multiliteracies.



INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta uma discussão sobre a utilização das tecnologias digitais no ensino da Educação do Campo. A tecnologia é entendida como uma linguagem capaz de ressignificar, colaborar com o processo de ensino-aprendizado. A linguagem seja ela verbal ou não verbal é extremamente necessária para a comunicação dos seres humanos e, no âmbito educacional, quanto mais diversificados os tipos das linguagens, mais significativa será a compreensão dos(as) educandos(as). Nesse sentido, Lévy (1993, p. 13) questiona: “Seria a transmissão de informações a primeira função da comunicação?” Como resposta o autor (LÉVY, 1993, p. 13) afirma:

Decerto que sim, mas em um nível mais fundamental o ato de comunicação define a situação que vai dar sentido às mensagens trocadas. A circulação de informações é, muitas vezes, apenas um pretexto para a confirmação recíproca do estado de uma relação.

Assim, professores(as) em suas salas têm um leque de linguagens como possibilidades de potencializar suas aulas, citamos algumas delas a fim de contextualizá-las; linguagem musical, imagética, literária, cinematográfica, tecnológica, dentre outras. Comungamos com Anecleto, Silva e Xavier (2020, p. 139) quando afirmam que “O fenômeno da comunicação ganhou mais força a partir do acelerado movimento de transformações associadas às tecnologias digitais.”

A partir dessa concepção teórica, a metodologia empregada para a construção do artigo ancora-se na pesquisa qualitativa; também trilhamos pela netnografia, entendendo que, como destaca Ferro (2015, p. 04):

É fato que a internet e, por conseguinte, as redes sociais e comunidades virtuais já são uma realidade e crescem, a cada minuto. Nesse contexto, a netnografia torna-se cada vez mais relevante para o estudo da cultura digital. Esta cultura digital se traduz pelo crescimento exponencial de comunidades cibernéticas.

O artigo está subsidiado por uma fundamentação teórico-analítica a partir de conceitos a serem discutidos como referências basilares de Arroyo (2010), que trata a Educação do Campo como perspectiva emancipatória, Lévy (1999) e Anecleto (2018), que discutem sobre a importância das Tecnologias Digitais na sociedade atual e nas atividades educativas.

O trabalho está estruturado em três tópicos e as considerações finais. A saber, o primeiro tópico intitulado, *A Linguagem tecnológica digital e sua importância no âmbito educacional*, o qual discutirá sobre a linguagem e os multiletramentos no espaço escolar ocasionando potencialidades ao ensino. O segundo tópico, *A Educação Campesina*, no qual procuramos compreender as dimensões da educação do campo, seus conceitos, suas implicações. O terceiro,

As tecnologias digitais na escola rural CMESRC, em que faremos uma análise da utilização da linguagem tecnológica no CMESRC e como essa linguagem está sendo necessária em destaque nesse período pandêmico, a partir da apresentação de um relato de experiência da realização da oficina *Tecnologias, (multi)letramentos e formação de professores* e de suas contribuições contribuíram para docentes daquela instituição.

LINGUAGEM TECNOLÓGICA DIGITAL E SUA IMPORTÂNCIA NO ÂMBITO EDUCACIONAL

Iniciamos esta seção destacando que a tecnologia é um produto social e cultural, pois se refere a uma produção humana (LÉVY, 1999). Como amplia o autor, portanto, ela não é boa nem é má, tendo em vista que vai depender do uso, do contexto, do ponto de vista de seus utilizadores. Desse modo, ressaltamos que o modo de utilização desses artefatos que vai contribuir para a produção de conhecimento de forma emancipatória ou para a manutenção de formas de transmissão de informações sem a valorização da participação das pessoas.

Para Anecleto (2018, p. 1), “As tecnologias digitais contribuíram para o surgimento de uma nova sociedade interconectada, favorecendo a criação de redes de comunicação, que ampliaram as participações dos sujeitos em diversos espaços públicos”. Dessa forma, entendemos que as tecnologias digitais estão cada dia mais presentes na vida das pessoas, assim, essa linguagem torna-se essencialmente necessária ao espaço escolar.

Nessa perspectiva, pensamos a linguagem digital no contexto educacional que tenha foco, objetivos de aprendizado dos(as) educandos(as), no processo o qual, como destacam Anecleto, Silva e Xavier (2020, p. 144), esses artefatos ultrapassem “[...] o nível instrumental e criam condições para a construção de espaços de aprendizagens que ampliam as possibilidades de interações e interatividades”.

Pensando no público estudantil, claro que sabemos das dimensões sociais de desigualdades e que nem todos têm acesso às tecnologias digitais, mas, mesmo assim, estão envolvidos na cultura digital, e, por isso, almejam estar conectados em rede. Entretanto, muitas vezes, a conexão em rede ocorre de forma superficial, pois o estudante utiliza interfaces *online* com maior predominância para atividades mais instrumentais e pouco reflexivas.

Sabemos que diversos jovens e adultos, por certo, têm facilidade de manusear e lidar com aparatos tecnológicos, tendo em vista que muitos deles nasceram na era digital. Desse modo, ratificamos a importância de atividades pedagógicas que incluam essas tecnologias em sala de aula, pois elas podem oportunizar, como destacam Anecleto, Silva e Xavier (2020, p. 145), “[...] novos ambientes interlocutivos quando reconhecemos espaços de aprendizagens como locais coletivos de construção da (in)formação”.

Nesse sentido, escolas/professores(as) deverão atuar pela mediação dessas tecnologias, assim, de forma constante e por perspectiva crítica, precisa se aperfeiçoar frente a essa era digital. Dessa forma, Silva (2011, p. 539), destaca que:

As novas tecnologias estão influenciando o comportamento da sociedade contemporânea e transformando o mundo em que vivemos. Entre-tanto, é fato já comprovado que elas, desconectadas de um projeto pedagógico, não podem ser responsáveis pela reconstrução da educação no país, já que por mais contraditório que possa parecer, a mesma tecnologia que viabiliza o progresso e as novas formas de organização social também tem um grande potencial para alargar as distâncias existentes entre os mundos dos incluídos e dos excluídos.

Sendo assim, com a inserção das tecnologias digitais no cotidiano escolar, é possível proporcionar o desenvolvimento crítico e criativo, assim como a aprendizagem colaborativa entre os educandos, pois, com a união dessas esferas, torna-se viável a realização de atividades que garantam a interatividade entre alunos(as) e alunos(as), alunos(as) e professores(as). Vivemos, atualmente, na era tecnológica, dessa forma, é necessário aliar os conhecimentos que o(a) educando(a) traz da sua vivência com aquele proporcionado pela escola. É um processo essencial para a construção de saberes. Nesse sentido, para Ribeiro e Caldas (2018) a inserção dessas tecnologias no mundo globalizado é algo fundamental, sobretudo na esfera educacional, visto que, os(as) alunos(as), vivem na era digital.

Desse modo, Dias e Cavalcante (2016, p. 163), dialogando sobre essas tecnologias, no âmbito escolar destacam que:

O ambiente digital surge como uma nova perspectiva no contexto escolar, abrindo espaço para uma maior interação humana mediada pelos gêneros eletrônicos, através da interdisciplinaridade. A linguagem universal e compartilhada no mundo inteiro, transforma o aprendizado do aluno, inserindo-o como sujeito social no contexto educacional e na tecnologia simultaneamente.

É papel tanto do educador quanto da escola dialogar com as tecnologias que se manifestam nos diversos espaços acessados pelos(as) alunos(as), pois, mesmo que a escola não possibilite o uso das tecnologias na sala de aula, o educando traz consigo suas vivências e habilidades. Dessa maneira, a utilização das tecnologias digitais, nas escolas, principalmente com o advento da internet nesses espaços, contribui para que haja uma expansão do acesso à informação de forma dinâmica, atualizada e inovadora. Assim, faz-se necessário uma verdadeira mudança nas estruturas educacionais, para contemplar a realidade vivenciada e/ou desejada pelas juventudes, inclusive as que estudam em escola do campo, que é a cultura digital.

A EDUCAÇÃO CAMPESINA

Os povos do campo vivem há décadas um processo de exclusão, seja na invisibilização, que é acarretada nas políticas educacionais incapazes de percebê-los enquanto sujeitos diversos, portadores de direitos comuns e, para tanto, necessitam ser respeitados e percebidos pelos poderes públicos, ou pela falta de políticas voltadas para a inclusão digital, desses povos popularizados como empobrecidos de conhecimentos e cultura, ou “tidos como povo comum sem racionalidade, dominados por saberes do senso comum” (ARROYO, 2013, p. 41).

A Educação do/no Campo é entendida como uma educação organizada pelos e com os povos que habitam nesses espaços, seja através de movimentos reivindicatórios ou luta diária coletiva que defende a bandeira de uma educação para além dos espaços escolares, mas um processo emancipador. Refere-se sobretudo como mostra Arroyo (2011, p. 12).

A um projeto de desenvolvimento sobre os diferentes sujeitos do campo. Um olhar que projeta o campo como espaço de democratização da sociedade brasileira e de inclusão social, e que projeta seus sujeitos como sujeitos de história e de direitos; como sujeitos coletivos de sua formação enquanto sujeitos sociais, culturais, éticos, políticos.

Esse projeto inacabado de educação tem um sentido englobador e desafiador, na medida que pauta na democratização e no acesso a um conhecimento que parte do local ao universal que proporcione escolha de projetar a vida na comunidade em que os camponeses estão inseridos ou fora dela. Lança-se como uma educação laica pública que deve garantir o “direito ao conhecimento, à ciência, e à tecnologia socialmente produzidas e acumuladas” (ARROYO, 2011, p. 14), e respeitar as diversidades, os valores, para assim contribuir com a emancipação dos sujeitos que dela participam.

O primeiro desafio é notar qual a educação campesina que estamos organizando e qual a concepção de educação pretendemos, pois, a Educação do Campo precisa ter uma especificidade a ser organizada em sentido amplo para a formação humana. Dessa forma, articular uma proposta que vise a uma educação básica com respeito à identidade e a um processo formador humano não é tarefa simples se não pensada se forma conjunta com um Projeto Político Pedagógico próprio, voltado às causas, aos sonhos, às culturas dos povos do campo.

Falar em Educação do Campo compreende uma tríade que envolve campo – educação – política pública, sendo imprescindível a discussão envolta do agronegócio e da agricultura familiar, como denota Caldart (2012), pois estes são, com certeza, os meios de produção de vida dos camponeses e a educação não pode estar desarticulada a essa realidade. Dessa maneira, a escola do campo não necessariamente é a escola agrícola, mas sim uma educação, em sentido amplo,

planejada para e com os povos do campo. Para tanto, as questões que envolvem a terra têm grande relevância, vez que está estruturada no modelo capitalista e, como tal, agrega um valor de troca às mercadorias, assim também à terra, ocasionando desigualdades no acesso a posse e a seu uso, consequentemente, aos meios de sobrevivências dos povos que dela dependem.

Estes fatores sociais, econômicos e políticos estão mesclados com a Educação do Campo, impossibilitando construir uma proposta desenraizada desses entrelaces. No mesmo interim, intentar para uma proposta inversa a que está posta significa romper com as estruturas presentes e como tal necessita perceber a meritocracia existente no meio educacional que culpabiliza, sobretudo, as classes mais empobrecidas pelos fracassos.

A meritocracia responsabiliza os estudantes sem observar as possibilidades que lhes foram impostas e/ou impossibilidades de alcançarem o sucesso, concretizarem seu projeto de vida, como nos mostra Freitas (2012, p. 383).

[...] dadas as oportunidades, o que faz a diferença entre as pessoas é o esforço pessoal, o mérito de cada um. Nada é dito sobre a igualdade de condições no ponto de partida. No caso da escola, diferenças sociais são transmutadas em diferenças de desempenho e o que passa a ser discutido é se a escola teve equidade ou não, se conseguiu ou não corrigir as “distorções” de origem, e esta discussão tira de foco a questão da própria desigualdade social, base da construção da desigualdade de resultados.

Para além da responsabilização pelos insucessos e resultados gerais da escola e dos estudantes, encontrar os erros para os meritocratas imputa uma política neoliberal em que a igualdade não significa equidade, pois a diversidade regional brasileira, quer seja entre as cidades ou nos campos, não são visualizadas, mas generalizadas a nível de obtenção de valores, metas, aprovações e reprovações.

É imprescindível construir um olhar crítico sobre a ideia meritocrática, pois ela alimenta as desigualdades e contribui para as exclusões da sociedade. No que tange o acesso às tecnologias digitais, é preciso considerar questões centrais, como a ausência de laboratório de informática em 76% das escolas do campo (50.909 escolas, de 66.992); ou, ainda, de 83,9% de escolas sem internet; de 11,2% de escolas sem energia elétrica (7.473 escolas) e até mesmo 5% sem água potável (9.067 escolas), conforme nos apresenta Molina (2015). Os dados apresentados nos revelam o quanto os povos do campo ainda estão à margem dos processos mais simples da sociedade moderna e digital.

Para tanto, antes de se questionar os insucessos e os fracassos, é preciso reconhecer o problema estrutural voltado à falta de acesso às tecnologias, valiosas para a apropriação dos conhecimentos e das possibilidades de projetar suas vidas. Vale explicitar que os povos do campo não precisam viver a parte, nem sua educação deve ser voltada apenas às questões identitárias, desatando dos conhecimentos produzidos univer-

salmente. Este, por sua vez, seria tolher a escolha do futuro. Destarte cabe a luta por políticas equitativas que inclua os menos favorecidos, dentre elas as que se referem ao acesso às tecnologias digitais.

AS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA ESCOLA RURAL CMESRC

Nesse subitem, faremos um relato de experiência sobre a realização do curso de Extensão *Tecnologias, (multi) letramentos e formação de professores*, coordenado pela professora Dra. Úrsula Cunha Anecleto e desenvolvida no componente curricular Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), no curso de Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED), em 2019. Apresentaremos a importância do curso e do componente para maior compreensão sobre a linguagem tecnológica e suas implicações nas práticas de ensino, e como essas tecnologias estão sendo utilizadas no período pandêmico no espaço campesino do CMESRC.

O curso de Extensão aconteceu na cidade de Valente-BA, no Território do Sisal, com professores do município tanto da sede, como do espaço rural. A professora do componente TIC, juntamente com os(as) pós-graduandos(as), realizaram a mediação com os(as) professores(as) da Educação Básica, que participaram das oficinas propostas, havendo parceria com a Secretaria de Educação do município. Essas oficinas tiveram como propósito discutir sobre a importância da utilização das tecnologias digitais no contexto educacional. Como procedimentos metodológicos, foram discutidos textos de teóricos sobre as temáticas dos estudos e realizados atividades práticas.

As atividades constituíram-se em práticas formativas, que contribuíram para que os(as) professores(as) modificassem certas práticas pedagógicas e acolhessem a utilização das tecnologias digitais nas salas de aula, tal como o relato a ser apresentado neste artigo, realizado durante o período pandêmico da Covid-19, que transformou o mundo de maneira imediata em vários aspectos e, na educação escolar, não foi diferente. Dessa forma durante o período de realização do ensino remoto emergencial, professores(as) de todo país experienciaram a realização de atividades exclusivamente a partir mediação tecnológica digital.

Assim, esses profissionais necessitaram reinventar práticas pedagógicas a partir da mediação dessas tecnologias. Ou seja, professores(as) estiveram bastante envolvidos com as tecnologias digitais, quer seja para gravar vídeos, editar, realizar *lives*, entrar em plataformas educacionais, enfim, para a utilização de outros meios didáticos e pedagógicos, com os quais muitos ainda não estavam habituados. Aqui dialogamos com as ideias de Anecleto, Silva e Xavier (2020, p. 144), quando apresentam que “em tempos e espaços dilatados, vínculos são criados, estabelecem-se objetivos comuns e coletivamente convivemos, conectando ideias e práticas em redes, o que oportuniza o compartilhamento das aprendizagens”. Segundo os(as) autores(as):

Considerando que na era digital as tecnologias transformam a maneira como as pessoas se comunicam, se relacionam, interagem e constroem seus corpos, é necessário entendermos que outros espaços de aprendizagens, para além dos tradicionais, são potencializados através, principalmente, do ciberespaço (ANECELETO; SILVA; XAVIER, 2020, p. 144).

Nesse sentido, as redes digitais tiveram um papel fundamental no período do ensino remoto ocasionado devido à pandemia da Covid-19, auxiliando para que os professores(as) pudessem mediar as aulas tendo a oportunidade de se comunicar com os(as) alunos(as) a partir da conexão com a internet. É válido salientar que as redes digitais possuem um leque de plataformas que possibilitam diversas maneiras de mediação das aulas, entretanto, alguns professores ainda não conheciam algumas delas.

Por isso, professores(as) tiveram que se adaptar à situação de educação *online*, mesmo que alguns docentes, segundo seus próprios relatos, informassem que tinham limitada habilidade para lidar com essas ferramentas tecnológicas para mediação das aulas. Dessa forma, gostaríamos de

trazer um relato de experiência de uma Professora da escola CMESRC que, mesmo em processo de aprendizagem para utilização das tecnologias digitais na aula, realizou atividade criativa e reflexiva, a partir da mediação tecnológica digital. A Professora participou das oficinas propostas pelo curso de Extensão *Tecnologias, (multi)letramentos e formação de professores*.

No Município de Valente (BA), as aulas das escolas municipais aconteceram a partir da gravação das aulas pelos(as) professores(as), que fizeram algumas adaptações para que essas aconteçam na casa dos estudantes. Após a gravação, os vídeos foram enviados para grupos de *WhatsApp* criados pelos docentes com os estudantes para essa finalidade. Para que os estudantes pudessem tirar as dúvidas quanto ao conteúdo e à atividade, os(as) professores(as) ficavam determinado tempo *online* nos grupos, auxiliando os(as) alunos(as) no desenvolvimento das atividades propostas. A escola CMESRC funciona no turno matutino, com quatro turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e está localizada no povoado de Santa Rita, no município de Valente-BA. Na figura 1, apresentamos a fachada da escola.

Figura 1: Fachada da Escola



Fonte: Martins, (2020)

Nas oficinas desenvolvidas pelo MPED, retrataram sobre o uso do *WhatsApp* como dispositivo didático-pedagógico para auxiliar na dinamização das aulas, mostrando diversas maneiras como esse aplicativo contribui para a potencialização das aulas. Assim, no contexto pandêmico, a escola CMESRC utilizou o *WhatsApp* para a mediação das aulas, colocando em práticas discussões apresentadas na referida oficina.

No entanto, é válido salientar que não há a participação de todos(as) alunos(as) da escola por diversos fatores, um dos principais é a falta de internet. O campo ainda é um lugar em que as pessoas sem acesso à internet ainda são maior, segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra

de Domicílio (PNAD), do IBGE-2018. Some-se ainda a falta ou precarização dos celulares para ter acesso às aulas, pois muitos compartilham de aparelhos ultrapassados incapazes de suportar o armazenamento de mais um aplicativo a ser utilizado pela escola. Assim, a utilização do *WhatsApp* se tornou uma forma ideal para a realização das aulas naquela comunidade, tendo em vista que é a plataforma para interação mais utilizada pelas famílias locais.

Apesar de todas essas dificuldades enfrentadas, dos desafios e das mudanças de perfis que nós professores(as) tivemos que nos adaptar nesse período pandêmico, conseguimos ter alguns resultados proveitosos, dentre eles, vale

ressaltar algumas devolutivas de alunos(as), como mostram as figuras (02, 03, 04, 05) abaixo que retrata a apresentação dos(as) alunos(as) de algumas atividades desenvolvidas a partir dos conteúdos propostos e trabalhados instigados nesse período.

Mesmo os(as) alunos(as) que participaram ativamente das aulas remotas sentiram a falta de estar na escola de forma

presencial, embora tenham gostado da utilização das tecnologias digitais para a prática pedagógica. Mesmo assim, ansiaram pelo contato físico e demonstraram um sentimento de saudade e de valorização do professor, fato muito revelado durante o período das aulas remotas. Sobre isso, o aluno A respondeu:

Figura 02: Maquete



Fonte: Aluno 1, (2020)

Figura 03: Maquete



Fonte: Aluna 2, (2020)

Figura 03: Croqui



Fonte: Aluno 3, (2020)

Figura 03: Mapa



Fonte: Aluno 4, (2020)

Tantas saudades de coisas simples como ir para a escola!

Quem não sente falta de ouvir? Que horas são? Vale nota? Sai da frente tô copiando..... Quem tem grafite 0.7? Falta muito tempo pro recreio ? Tô com fome!

Dia 17 de março foi último dia dessas pequenas palavras ficamos muito fragilizados não temos culpa, por uma pandemia, sabemos que foi e está sendo difícil para nós alunos e professores a saudade aperta, mas nós sabemos que temos que lutar o tempo inteiro "diz um pequeno ditado" tudo de ruim que acontece nas nossas vidas e pra melhorar.

Eu sendo uma aluna do ensino fundamental para me foi uma experiência muito grande, no início das aulas virtual passei bastante dificuldade de se concentrar nas atividades e nas explicações dos professores, mas com isso tudo aprendi uma coisa: Que não é só dificuldade que nós estamos passando, e sim nesse período das aulas foi muito importante pois aprendi a valorizar uma profissão de ser professora(o) sabe por que? Todos os dias eles estão lá quebrando cabeça pra criar uma aula divertida cheia de experiência para nós alunos.

Deixo um beijo pra todos os professores!

O aluno B também apresenta o desejo de um retorno ao que ele considera de normal; mesmo em sua inocência, acreditou que a situação provavelmente seria de um novo normal e para tanto precisaríamos nos reinventar. Esse aprendizado vivenciado tanto pelos professores, que tiveram que lidar com essas tecnologias, e para os alunos(as) que precisaram se reinventar com devido às dificuldades, dentre elas a possibilidade de conexão à internet, devido aos próprios recursos tecnológicos.

Aluno B

Em 2020 houve varias complicações , Principalmente sem as aulas presenciais esse ano foi o ensino EAD (Ensino a distancia)

Foi um período muito difícil tanto para alunos como professores pois era acostumados com aulas presenciais.

Mas teve muita importancia pois aprendemos diferentes ensinios, atividades e aulas no mundo digital. Também acredito que foi uma experiência para cada um de nós pois nunca ficamos tantos tempos sem aula presencial sem a presença de colegas, professores, alunos, diretores, e fucionarios houve algumas dificuldades exemplo quedas de internet, ou a falta de celulares compatíveis, e o modo de aprendizagem, e para aqueles que não prestava atenção. Os professores foram muito atenciosos com os alunos respeitando cada dificuldade. Mas acredito que ano que vem tudo volte a normal e fique o mundo como era antes.

É notório nas falas dos(as) alunos(as) a importância do elo de ligação dos meios de comunicação, de aproximar, de mesmo distante fazer com que os alunos sentissem que não estavam sós e que seus(as) professores(as) estavam preocupados com a aprendizagem e a situação que vivenciam durante aquele momento. Em alguns casos, os(as) professores(as) também encontraram as famílias de forma presencial para entregar atividades pedagógicas impessoais para aqueles que não conseguiram acesso por meios virtuais.

Aluna C

Bom as aulas motoras foi um outro tipo de maneira de aproximar os alunos pela Internet e ligar eles por um vínculo que de maneira geral foi espetacular. No meu ponto de vista para mim foi ótimo de um lado e meio triste de outro por que, eu fiquei longe dos colegas e dos professores mais também foi bom por nós percebemos que mesmo de longe podemos estar perto para alguns pode não significar muita importância mas para outros foi uma corda que de um lado e do outro seguramos para que ninguém pode cair. Ainda não acabou mais tudo tem seu propósito se não acabou é por que não deu seu tempo, mesmo continuando assim as aulas vão ficar de pé e não vamos desistir, iremos forte e firme até o fim.

Aluna D

O ano de 2020 foi de muita dor e perda de pessoas queridas, adotamos um novo cotidiano, tivemos que

parar as aulas presenciais por causa do coronavírus. Nas aulas online foi difícil de aprender, pois ficava pensando como podíamos sair dessa. Foi um ano desafiador e exaustivo. Mais com o apoio dos (a) professoras conseguimos concluir esse ano, quero que em 2021 acabe tudo isso e que a nossa vida volte ao normal.

Assim, a partir dos relatos desses alunos(as), nota-se que o ensino com a mediação tecnológica, no contexto pandêmico, mostrou-se como um esforço tanto do professor quanto do estudante para que a educação não ficasse paralisada, como apontam Barreiro e Ribeiro (2020, p. 73)

É possível afirmar que, em muitas localidades e redes de ensino, o que vem acontecendo em termos de educação escolar está fundamentado numa perspectiva de pronto-socorro, pouco amparado nas concepções históricas construídas acerca das possibilidades de aprendizagem com mediação tecnológica ou com a possibilidade de efetivar isso em meio a uma sociedade com altos índices de desigualdades sociais. Então, o que se está vivenciando em muitos lugares é a figura de professores “socorristas”, que, mais por voluntarismo do que por formação ou condições estruturantes, estão fazendo acontecer.

Embora durante esse período não se tenha garantido acesso a todos(as), a escola proporcionou vivências pedagógicas para fosse garantido o direito de aprendizagem dos(as) alunos(as) do campo. Além disso, o período do ensino remoto ampliou a visibilidade de como os sujeitos do campo, muitas vezes, possuem conexão limitada em relação à internet e a limitação de outros recursos das tecnologias digitais, fato que não pode ser esquecido pelas políticas públicas educacionais.

CONCLUSÃO

Em que pese a utilização das tecnologias digitais no trabalho em sala de aula, pode-se perceber sua forte presença no contexto social da vida dos educandos, inclusive dos(as) alunos(as) que vivem no campo. Por isso, essas diversas linguagens precisam fazer parte do contexto escolar para mediar o processo pedagógico de forma interativa e, por assim dizer, de forma mais atrativa às vivências dos estudantes.

Para tanto, é preciso ultrapassar a barreira da exclusão digital em que muitos brasileiros, inclusive os povos do campo, ainda se encontram e assim construir novas políticas públicas tecnológicas que abarquem as escolas do campo. A Educação do Campo é entendida e mostrada aqui como projeto específico de educação, de valorização e emancipação dos povos que vivem em espaços geograficamente não urbanos, e como tais já foram estigmatizados do decorrer da história, seja através das escolas rurais, entendida como a extensão da urbana ou como àquela subjugada ao futuro trabalhador braçal e como tal não necessária de conhecimentos científicos e acadêmicos.

Nesse sentido, a utilização desses aparatos na Educação do Campo possibilita quebrar as exclusões vivenciadas por esses povos que há décadas foram mistificados como atrasados e matutos, ampliando assim os horizontes de possibilidades e de escolhas de meios para a construção de conhecimentos e para a interação.

Durante o contexto da pandemia da Covid-19, essa exclusão e desigualdade social ficou mais nítida, quando grande parte dos povos do campo não tiveram as mesmas condições e oportunidades de participar das aulas *online*, remotas ou as diferentes derivações adotadas, que se constituíram, naquele momento, como única forma de continuidade da educação escolar. Portanto, a partir deste artigo, ampliamos espaços de discussão sobre essa realidade, para que o uso das tecnologias digitais, como meios educativos, também se torne uma realidade nas escolas campesinas.

REFERÊNCIAS

- ANECLETO, Úrsula Cunha. **Tecnologias digitais, ação comunicativa e ética do discurso em redes sociais**. Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 304-317, mai.-ago. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/16806/13567>. Acesso em 17 dez. 2021.
- ANECLETO, Úrsula Cunha; SILVA, Everton Renan; XAVIER, Raimundo Claudio. O corpo e os espaços de aprendizagem em tempos de cultura digital. In: ANECLETO, Úrsula Cunha et al. **Tecnologias digitais e (multi)letramentos: inflexões teórico-metodológicas para a formação do professor**. Itabuna, BA: Mondrongo, 2020.
- ARROYO, Miguel G. Políticas educacionais, igualdade e diferenças. *Revista Brasileira de Política e administração da educação*. V. 27(1). Disponível em: <https://doi.org/10.21573/vol27n12011.19969>. Acessado em: 17 dez. 2021.
- ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BARREIRO, Cristhianny Bento; RIBEIRO, Luis Otoni Meireles. Tecnologia, aprendizado e educação: angústias e incertezas em tempos de Covid-19. In: **Educação e Tecnologias: Desafios dos Cenários de Aprendizagem**. 1. ed [recursos eletrônicos] / [org.] Joana Paulin Romanowski, Luana Priscila Wunsch, Ademir Aparecido Pinhelli Mendes. Curitiba -PR: Bagai, 2020.
- CALDART, r. S. Educação do Campo. In: CALDART, r. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (Orgs.). **Dicionário da Educação do campo**. rio de Janeiro/São Paulo: EPSJV/Expressão Popular, 2012, p. 259-267.
- DIAS, G. A; CAVALCANTI, R. de. A. **As tecnologias da informação e suas implicações para a educação escolar: uma conexão em sala de aula**. *Revista de Pesquisa Interdisciplinar*, v. 1, ed. especial, p. 160-167, 2016
- FERRO, Ana Paula Rodrigues. **A netnografia como metodologia de pesquisa: um recurso possível**. Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós, ISSN 2179-9636, Ano 5, número 19, agosto de 2015.
- FREITAS, L. C. Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério à destruição do sistema público de educação. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 119, p. 379-404, 2012.
- IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) 2018.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3 ed. Tradução Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- MOLINA, Mônica Castanha. **A Educação do Campo e o Enfrentamento das Tendências das Atuais Políticas Públicas**. Educação em Perspectiva, Viçosa, v. 6, n. 2, p. 378-400, jul./dez. 2015.
- SILVA, A. C. da. Educação e tecnologia: entre o discurso e a prática. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, v. 19, n. 72, p. 527-554, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/RyBvdXSKPzdVrVHM7Px6rNj/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 17 dez. 2021.
- RIBEIRO, M. M; CALDAS, A. H. F. Tecnologia aliada à educação: formação docente e o papel do supervisor. *Revista Científica@Universitas*, v. 5, n. 1, p. 22-39, 2018. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA19_ID14001_25092019163146.pdf. Acesso em: 17 dez. 2021.

Nota

*O projeto de Extensão foi desenvolvido a partir do componente Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), ministrada pela professora Dra. Úrsula Cunha Anecleto, no Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED UNEB), em 2019.